



VIII

Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

09 a 11 de agosto de 2012
Campina Grande - PB

MULHERES NEGRAS DO CHICO GOMES: UMA ABORDAGEM SOBRE A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA CULTURA DE MATRIZ AFRICANA NO CARIRI CEARENSE

Cícera Nunes¹
Luiz Carlos Carvalho Siqueira²

Apresentação

Direcionar o olhar para as relações de gênero e etnia na comunidade Chico Gomes, localizado no município do Crato-CE, foi para nós um dos desdobramentos da pesquisa *Africanidades e educação escolar no Cariri cearense: estudo da cultura de base africana na Comunidade Chico Gomes - Crato/CE*. Assim, buscamos neste texto, compreender a presença da mulher negra na história da comunidade, e formas de participação feminina na cultura de matriz africana. Não buscamos, contudo, discutir largamente os conceitos empregados no presente artigo. Na verdade, queremos evidenciar a constituição e a trajetória sócio-histórica de mulheres negras dessa localidade, e problematizar questões como a participação dessas mulheres em atividades culturais desenvolvidas na comunidade, e suas implicações no processo de construção identitária. Indagamos como as práticas culturais de matriz africana da comunidade estão presentes e contribuem no processo de construção da identidade étnica. Porém, antes de adentrarmos nesta perspectiva, buscamos nos parágrafos a seguir tecer breves comentários sobre a pesquisa realizada a fim de contextualizar o nosso recorte, ou seja, este artigo.

A pesquisa anteriormente citada visa conhecer, mapear e promover uma discussão sobre os repertórios culturais afrodescendentes presentes na comunidade Chico Gomes, localizada na cidade de Crato-CE, apontando a necessidade da sua inclusão no currículo de ensino da educação básica. Os bens materiais e simbólicos de matrizes africanas e que são constantemente (re)construídos pelos sujeitos, constituem os repertórios culturais

¹ Prof.^a do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA), Dr^a em Educação Brasileira, pela Universidade Federal do Ceará (UFC), e orientadora da pesquisa “Africanidades e educação escolar no Cariri cearense: estudo da cultura de base africana na Comunidade Chico Gomes - Crato/CE.” PIBIC/CNPq.

² Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, no projeto “Africanidades e educação escolar no Cariri cearense: estudo da cultura de base africana na Comunidade Chico Gomes - Crato/CE.”.



VIII

Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

09 a 11 de agosto de 2012
Campina Grande - PB

afrodescendentes aos quais nos referimos. Estes incluem a vivência sócio-histórico-filosófico-cultural dessas comunidades onde estão incluídos as práticas de lazer, as vivências, as formas de relacionamento, as construções, as formas de expressão, dentre outros aspectos.

Acreditamos que o estudo dos repertórios culturais afrodescendentes do Cariri cearense nos ajudará a refletir em torno da construção de uma definição em termos teóricos e práticos de cultura negra na região. Este conhecimento promoverá também uma discussão sobre a premência inclusiva da história e cultura africana e afrodescendente no currículo da educação básica das escolas locais, a fim de se construir uma pedagogia comprometida com o fortalecimento da identidade e combate ao racismo e preconceito que atinge diretamente as crianças e jovens negros/as.

A concepção que norteia esse trabalho reside na importância de como a educação pode traduzir os elementos de africanidades presentes nessa região em uma pedagogia que se fundamente numa cosmovisão africana. Esta discussão respalda-se em algumas elaborações conceituais que tem como base os conceitos de afrodescendência, memória, territorialidade, ancestralidade, cultura de base africana e identidade. A metodologia utilizada buscou dados qualitativos por meio das técnicas de coleta de informações: observação participante; entrevista semiestruturadas; e grupos focais.

Após esta breve contextualização da pesquisa que originou o presente trabalho, convém apontar a organização deste artigo.

O texto está estruturado em dois momentos, são eles: *Comunidade Chico Gomes: alguns dados históricos e a presença das mulheres negras* – é o primeiro momento do texto, e onde procuramos contextualizar a comunidade estudada e evidenciar a trajetória sócio-histórica de mulheres negras dessa localidade; o segundo tópico *Olhar e Ouvir na experiência de campo: bases epistemológicas* – é o tópico onde esclarecemos a construção do próprio texto, ou seja o processo de “direcionamento” do nosso olhar para relações de gênero e etnia na Comunidade Chico Gomes.

Algumas perguntas podem está circulando nesse momento, tais como: Comunidade Chico Gomes, o que é e onde fica? E/ou, quem são essas mulheres negras? É sobre essas questões que tratamos no tópico a seguir.



VIII

Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

09 a 11 de agosto de 2012
Campina Grande - PB

Comunidade Chico Gomes: alguns dados históricos e a presença das mulheres negras

Na década de 1980 surge o movimento negro cearense com a criação da seção cearense do Grupo de União e Consciência Negra e o quadro da população negra passa a ser redesenhado contrapondo-se ao discurso da inexistência negra no estado do Ceará. Ratts (2011) relata que a nível nacional crescia, por todo o país, a discussão, a informação e a mobilização no tocante à população negra e, em especial, aos remanescentes de quilombos. Em 1992 é realizado, a partir das ações do movimento negro cearense, o “Seminário Negrada Negada: o negro no Ceará”, na Universidade Federal do Ceará e na ocasião é lida uma lista de comunidades negras rurais cearenses, dentre estas, Conceição dos Caetanos, Goiabeiras, Lagoa do Ramo, Bastiões, Alto dos Pereiras. No entanto, na opinião de Ratts (2011, p. 22):

A essa altura dos acontecimentos, sabíamos, ativistas dos movimentos negros (incluindo lideranças quilombolas) e pesquisadores (as), que o fenômeno que estávamos percebendo era apenas uma pequena parte cuja extensão, até hoje, arrisco-me a dizer, ainda desconhecemos em grande parte, posto que cada vez mais chegavam (e chegam) “notícias do interior” acerca da existência de agrupamentos negros rurais.

No final do século XX, são identificadas comunidades rurais negras em alguns municípios da Região do Cariri, localizada ao sul do Estado do Ceará, dentre estes, os municípios de Araripe, Crato, Jati, Salitre, Porteiras ganharam maior visibilidade. Fato que levou o Grupo de Valorização Negra do Cariri – GRUNEC e a Cáritas Diocesana do Crato a realizarem nos anos de 2010 e 2011 mapeamento das comunidades rurais negras e quilombolas do Cariri cearense.

Foram então, identificadas comunidades negras em 13 municípios do Cariri cearense: Aurora, Crato, Missão Velha, Jardim, Jati, Porteiras, Mauriti, Milagres, Araripe, Várzea Alegre, Potengi, Assaré e Salitre. Destas, quatro, Serra dos Chagas e Lagoa dos Crioulos, em Salitre, Arrudas, em Araripe, Souza, em Porteiras, são certificadas pela Fundação Cultural Palmares como comunidades de quilombolas.

No Crato foram identificadas as comunidades: Catingueira, Angicos, Currais, Luanda, Serrinha e Chico Gomes. Nessas comunidades, o mapeamento encontrou inúmeros vestígios étnicos nos topônimos, depoimentos, lendas, histórias, construções, manifestações culturais e religiosas (CÁRITAS DIOCESANA DO CRATO e GRUPO DE



VIII

Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

09 a 11 de agosto de 2012
Campina Grande - PB

VALORIZAÇÃO NEGRA DO CARIRI, 2011). E é deste modo que a comunidade Chico Gomes entra na pauta dos nossos estudos.

Sabe-se que esta comunidade está localizada no município de Crato/CE, cidade que se destaca por ter a sua história ligada diretamente à da população negra que habitou/habita a região (PINHEIRO, 1950; CAMPOS, 1982).

A comunidade Chico Gomes possui cerca de 1.158 km² de extensão, está a 8 km de distância da sua sede municipal fazendo fronteira com o estado de Pernambuco. Nela os moradores vivem em torno da agricultura de subsistência e dos programas sociais do governo. Procuram estabelecer com a natureza uma relação de preservação de onde retiram os materiais para a confecção do artesanato local como as biojóias e instrumentos musicais que são utilizados pelos grupos culturais.

Embora esteja localizada razoavelmente próxima à sede do município do Crato, as estradas de acesso a comunidade Chico Gomes encontram-se em estado deplorável. Além de muito esburacadas, o mato que as invade dificulta a passagem e visão de quem trafega por ela em veículos como carros e motos. É bastante árduo o acesso a serviços de saúde e educação, oferecidos na cidade ou localidades mais próximas.

Os aspectos físico-ambientais presentes na comunidade são característicos das regiões serranas: área acidentada, clima agradável, fauna rica em aves, mamíferos, répteis e insetos e flora bastante diversificada. Predomina o cerradão ao lado da caatinga e do cerrado. Esses elementos se apresentam interligados aos aspectos econômicos, sociais e culturais da história dessa localidade.

A comunidade Chico Gomes conta atualmente com 35 famílias. O tipo de moradia que predomina são as casas de taipa, embora algumas dessas famílias já possuam casas de alvenaria. É de uso coletivo da comunidade uma capela comunitária, a Associação dos Moradores e uma Casa de Sementes. Atualmente a economia local gira em torno das aposentadorias, dos programas sociais do governo, da agricultura familiar, do trabalho masculino na vacaria da fazenda, de pedreiros na construção civil de Crato e Juazeiro do Norte, do trabalho doméstico e de empregados na indústria de calçados Grendene. Alguns jovens se deslocam para o Sudeste do país, especificamente para Ribeirão Preto no interior de São Paulo, onde participam do corte de cana por alguns meses do ano.



VIII

Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

09 a 11 de agosto de 2012
Campina Grande - PB

Diante desses aspectos, que permeiam uma apresentação genérica da comunidade Chico Gomes, ressaltamos que, ao levarmos em consideração a perspectiva histórica da presença da mulher negra, nos deparamos com ausência de registros bibliográficos a seu respeito. Contudo, o estudo realizado tem revelado informações bastante interessantes por meio das entrevistas com os moradores e pessoas mais velhas de comunidades circunvizinhas. Foi percorrendo esse universo que entramos em contato com a história de vida e a memória histórico-ancestral individual e coletiva dos sujeitos que tem participado ativamente da construção desse trabalho.

Várias outras características presentes no cotidiano dessa comunidade reforçam a ideia de que ela apresenta, de modo bastante expressivo, elementos culturais de matriz africana que vão desde as atividades socioeconômicas, baseadas na agricultura de subsistência, até outras práticas como, dança, culinária e expressões artísticas de modo geral. E esse conhecimento está guardado no corpo e na memória dos mais velhos da comunidade, principalmente das mulheres. As mulheres mais velhas têm um papel fundamental na comunidade Chico Gomes, pois são elas, as portadoras ativas de uma tradição. As jovens, também, evidenciam a força e a presença da mulher negra na comunidade através das atividades culturais por elas realizadas.

Através dos depoimentos coletados durante as entrevistas realizadas e das longas conversas informais com os moradores da comunidade podemos perceber a importância e forte presença das mulheres no contexto sócio-histórico da comunidade Chico Gomes.

Dona Rina (59 anos, moradora da comunidade) nos conta que a origem da comunidade está diretamente ligada a atividades agrícolas:

Essa comunidade, assim, é da agricultura né? Antigamente a gente tinha os moradores plantava cana. Cada morador tinha seu pedacinho de cana, aí, tirava a sua partizinha que era dividido com o fazendeiro. Plantavam alho, também tinha essa produção. Vendia na feira do Crato. Primeiro a gente vendia na roça mesmo, depois aí passou a levar para a cidade pra vender lá. Rapadura também levava para a cidade, rapadura dos engenhos. E plantava mandioca, fazia farinha, tirava também a parte do patrão também, por que tudo tinha que ser dividido.

O engenho de açúcar também é lembrado por ela como elemento de importante na constituição da comunidade. Dona Rina lembra que esse tipo de atividade apenas os homens, da sua família, é que realizavam-na. Quando perguntamos se ela trabalha nos engenhos, ela



VIII

Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

09 a 11 de agosto de 2012
Campina Grande - PB

nos deu a seguinte resposta: “Não, no engenho eu não trabalhei. Mas meu marido trabalhou, meu pai trabalhou. Meu marido ele não trabalhou dentro do engenho mais trabalhou na roça das canas. Cortando cana, limpando, moiendo, tudo isso ele fez.”

Nesse contexto, as mulheres ficavam responsáveis pela agricultura doméstica e em caso alguns casos exerciam atividades comerciais. Dona Penha (59 anos, moradora da comunidade) recorda bem que as necessidades que passavam em casa, impulsionavam as mulheres da família a comercializar produtos na cidade de Crato, ela nos conta:

Sabe o que ela [a sua mãe] fazia quando o dinheiro estava pouco, que minha avó também era viúva, com os filhos tudo pequenos. [...] Então, minha mãe junto com minha tias, pegavam a mandioca ai ralavam, faziam o beiju de noite na casca de banana – ficava bem gostoso – ai vendiam na rua. Quando vendia, ai traziam tudo de bom pra nós.

Dona Bernadete (56 anos, moradora da comunidade), nos lembra de outras atividades agrícolas que eram desenvolvidas na localidade antigamente.

[...] na época tinha o povo que plantava muito. Por que tinha muita terra pra plantar. Arroz, plantava muito arroz, meu pai era um dos que plantava muito arroz, ainda ontem eu tava conversando isso aqui. Porque dia de Sta Luzia era dia de plantar arroz, se chovesse ele ia, senão chovesse ele ia. Milho com fava ele plantava muito. Cana também, roça de cana ele tinha uma boa roça de cana. Não só ele, quase todo mundo tinha, né? Mas hoje ninguém quase ninguém tem mais nada. Todos esses legumes ele plantava. Andu. Tudo isso. Nem só ele quase todos por aqui.

Esses depoimentos nos mostram que as relações de gênero encontram-se bem definidas. No primeiro caso onde o engenho pode ser percebido como um balizador e definidor de relações e como as mulheres estão presentes na origem da comunidade. Enquanto os homens trabalham nos engenhos, elas são responsáveis por todas as outras atividades – como produção e comercialização de produtos – da comunidade.

Atualmente, as jovens da comunidade tem se organizado e realizado atividades de resgate da memória e conhecimentos da comunidade. Essa organização deu origem ao Grupo Urucongo de Artes, que é percebido pelos membros como meio de valorização do espírito de coletividade e solidariedade na comunidade. Esse coletivo de jovens realiza atividades pedagógicas através de oficinas e encontram na dança sua marca de resistência e afirmação identitária. Embora não haja uma delimitação e definição de identidade da feminina sendo trabalhada pelo grupo, este mesmo encontra-se sendo um agenciador-participante da



VIII

Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

09 a 11 de agosto de 2012
Campina Grande - PB

valorização e revitalização da história das mulheres da comunidade. Lembra Reseli (24 anos, moradora da comunidade) uma das jovens entrevistadas, a importância de reavivar os conhecimentos da presença das parteiras e rezadeiras da comunidade. Essa jovem nos fala que havia muitas rezadeiras e parteiras na comunidade antigamente:

[...] a gente fica sabendo nas histórias que antigamente eram fortes. como antigamente não tinha essa facilidade que é de ir pra cidade, pro hospital, então tinha essas rezadeiras/parteiras que iam socorrer as mulheres grávidas. Antigamente e que se perde. Se perdeu, hoje é difícil, você... não escuta mais falar disso. Então eu acho que isso ...Não tem mais, assim, se perdeu. A sabedoria não foi repassada. (Reseli, 24 anos, moradora da comunidade)

Nessa perspectiva de resgate e formação, Reseli nos fala que:

Foi através do grupo que eu consegui crescer. Cresci, tive outra visão de mundo. Através das formações, então assim, o grupo não é só dança, a gente participa de várias formações, não só aqui [na comunidade]. Mas quando há eventos por ai, a gente ver a possibilidade de participar, sempre tem vaga para o Grupo Uruongo. Então assim, ele é acima de tudo, formação! (Reseli, 24 anos, moradora da comunidade)

E que através das formações e dos projetos realizados pelo grupo, há uma mistura no Grupo Uruongo. Uma mistura que para Roseli, é: “Uma mistura de idades e de comunidades.” Essa mistura ganha mais força e vitalidade, uma vez que tem o apoio das mães dos jovens e estas acompanham esses jovens em todas as suas apresentações, e tem também a ajuda do Grupo das Mezinheiras que também se envolvem nas atividades do grupo Uruongo, repassando seus conhecimentos.

O grupo das Mezinheiras, é um grupo de mulheres que repassam seus saberes medicinais. Que são, os chás medicinais, que elas mesmas utilizam no dia-a-dia. Como, por exemplo, lembra Dona Penha (59 anos, moradora da comunidade) do chá de Marcela, que é o mais utilizado na sua casa. “Que é o que não pode faltar lá em casa, é esse chá de marcela. Que a Marcela é muito bom. Marcela com raspa de laranja. É esse chá que eu faço lá em casa direto a noite...”.

Esse grupo embora esteja “meio parado” ultimamente, ou seja não tenham se reunido com tanta frequência, sempre estão juntos com Grupo Uruongo de Arte e também é uma das formas de fortalecer a história e o conhecimento das mulheres da comunidade Chico Gomes.



VIII

Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

09 a 11 de agosto de 2012
Campina Grande - PB

Outras manifestações culturais também têm entrado na pauta da comunidade no sentido de fortalecer e revitalizar os conhecimentos e identidade da comunidade. São eles a Balada Coco, Coco Macaúba – que é um espetáculo de dança; Mandala produtiva, que é a produção agroecológica; e o artesanato – a confecção de instrumentos musicais.

Sobre a Balada Coco, Manuel (32 anos, morador da comunidade) nos reporta ao instituto da organização desse festejo e seu desdobramento:

Quando a gente pensou a Balada Coco... a gente pensou ela para ser uma festa da comunidade. Era uma coisa muito mais nossa. A gente resgatava o mutirão para debulha do feijão e milho, que tinha na comunidade. Ai quando tinham esses mutirões as pessoas se reuniam e conversavam e cantavam e tal. E era muito bonito. E ai, teve uma vez que a gente fez o mutirão para debulhar feijão lá na casa de Reseli, na casa de Dona Iraci. E nesse dia surgiu a ideia da gente fazer a Balada Coco. A gente fez a Balada Coco o principio do mutirão para a debulha do feijão, mas já não para a debulha do feijão em si, do milho, pois a comunidade tá perdendo essa característica de rural mesmo. A maioria dos jovens estão na cidade. Muitos estão trabalhando de servente de pedreiro. Outros estão de pedreiros. Outros estão na Grendene. E outros estão em outras atividades. Então, a gente pensou a Balada Coco como uma forma de reunir a comunidade, que a gente pudesse oferecer outra forma de entretenimento e lazer diferenciado da que a gente ver nos bares. E por isso a gente criou a Balada Coco.

A proporção que toma aquela simples ideia para esse morador foi muito interessante porque começou a chegar pessoas de fora da comunidade.

Logo na primeira tinha gente do Rio de Janeiro. Um pessoal que vieram com um grupo de circo para a apresentar no Juazeiro, ai ficaram sabendo e fretaram uma *Topick* e vieram, pediram para se a apresentar e foi muito legal. E de lá pra cá, tem crescido muito. Ai quando a gente pensou em fazer, a gente pensou em fazer sempre em noites de lua cheia. Uma coisa mais para a comunidade. Cresceu e tal. Mas assim, a gente preserva essa questão da lua, da lua cheia. Então a gente tem feito a Balada Coco sempre em noites de lua cheia. Mas ai a gente tem feito quando a gente reúne condições para fazer. Porque como cresceu bastante ai a gente precisa de um som, as vezes a gente precisa trazer um grupo e pagar o cachê. [...] (Manuel, 32 anos, morador da comunidade)

Sabores Comunitários é um projeto organizado pelas mulheres da comunidade que busca revitalizar os sabores e comidas típicas da comunidade Chico Gomes. E que tem espaço garantido tanto na Balada Coco quanto na mais nova experiência da comunidade que é do Turismo Comunitário.

Essas atividades demonstram o quanto as mulheres tem uma inserção direta na vida e na produção cultural da comunidade.



VIII

Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

09 a 11 de agosto de 2012
Campina Grande - PB

Olhar e Ouvir na experiência de campo

Pensar sobre a construção do texto é para as Ciências Sociais localizar o “leitor” no campo da epistemologia do “saber”, ou seja, entender como esse objeto se transformou em uma categoria de pensamento. Convém ressaltar que não buscamos aqui acentuar uma discussão teórica, buscamos na verdade, esclarecer a construção do próprio texto, ou seja o processo de “direcionamento” do nosso olhar para relações de gênero e etnia na Comunidade Chico Gomes.

Tais questões respaldam no que segundo Cardoso de Oliveira (1998) consideram como “olhar e o ouvir”, e poderia ser considerado como etapas de apreensão de fenômenos sociais. Este olhar tem como marca a “apreensão de esquemas conceituais da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade”. Segundo este autor, esse esquema conceitual funciona como uma espécie de prisma por meio do qual a realidade é observada passando a compor um processo de refração. O ouvir, também é de fundamental importância nesse processo de apreensão da realidade observada, que aliada ao olhar, constitui a percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica.

Ao passo que fomos nos aproximando da comunidade e realizando entrevistas, sentimos necessidade de problematizar as relações de gênero que se tornaram visíveis nesse momento. As mulheres da comunidade Chico Gomes passaram a ser percebidas como principais difusoras e produtoras dos conhecimentos da história da comunidade. Nas suas atividades cotidianas repousam os conhecimentos e sabedoras que as fazem símbolo de força da localidade.

É através das jovens mulheres da comunidade que vem a necessidade de reavivar as histórias da comunidade, por meio de organizações em grupos e encontros. Na localidade há um esforço destas, pelo resgate da memória e valorização cultural.

A identidade de gênero amalgama-se a identidade étnica, ficando difícil compreendê-la toda sua magnitude neste trabalho. Ser mulher nessa comunidade é também reconhecida pela força e inteligência de suas negritudes.



VIII

Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

09 a 11 de agosto de 2012
Campina Grande - PB

Contudo, como havíamos dito no começo deste, buscamos evidenciar uma parte da história das mulheres dessa comunidade, aspectos que serão melhores e mais aprofundados em outros momentos.

Considerações Finais

Percebemos várias evidências que apontam múltiplas experiências da forte presença da mulher na história e na produção cultural da comunidade. As interlocutoras e interlocutores entrevistados nesta pesquisa também demonstraram conflitos marcados por aspectos geracionais onde as gerações mais novas, vem abandonando aos poucos as expressões culturais da localidade.

Por outro lado, a presença do grupo cultural Uruongo de Artes que reúne a juventude da comunidade em torno da dança e da música foi constantemente referendado pelas moradoras como uma estratégia para a consolidação da identidade da comunidade, bem como para a preservação da cultura negra e indígena da localidade. As atividades culturais desenvolvidas pelo grupo Uruongo, tem contribuído de forma incisiva no processo afirmativo da identidade étnica, bem como, na consolidação de um espaço da educação não formal no Chico Gomes. Para tanto, entendemos que a educação escolar deve instrumentalizar-se a partir dessas vivências empreendidas pelo negro cariense a fim de proporcionar ao seu educando uma aprendizagem positiva da sua história e cultura.

O Grupo das Mezinheiras, a Balada Coco, Coco Macaúba, Mandala produtiva, Sabores Comunitários, e o artesanato, também se revelaram como formas de fortalecer a história e o conhecimento das mulheres da comunidade Chico Gomes.

Estas experiências nos reportam as várias formas e dos vários momentos de presença da mulher afro-indígena na comunidade Chico Gomes.

Referências

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.



VIII

Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

09 a 11 de agosto de 2012
Campina Grande - PB

CAMPOS, Eduardo. **Revelações das condições de vida dos cativos do Ceará**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.

CÁRITAS DIOCESANA DO CRATO e GRUPO DE VALORIZAÇÃO NEGRA DO CARIRI – GRUNEC. **CAMINHOS**: mapeamento das comunidades negras e quilombolas do Cariri cearense. 2011.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri**: seu descobrimento, povoamento, costumes. Fortaleza: 1950.

RATTS, Alex. O negro no Ceará (ou o Ceará negro). In.: CUNHA Jr., Henrique Antunes; NUNES, Cícera; SILVA, Joselina da. **Artefatos da cultura negra no Ceará**. Fortaleza: UFC Edições, 2011.